

Quando uma preposição commum a dous ou mais infinitivos, acompanhados de pronomes atonos, vem expressa sómente com o primeiro verbo, o pronome complemento deste verbo pode vir posposto ou anteposto, mas conservam-se pospostos os pronomes atonos regimens dos demais infinitivos:

Apto para *mandal-os* e *regel-os* (Camões).

Tudo o que pode parecer sombra *de reprehendel-os*, *emendal-os* ou *levar-lhes* vantagem (Bernardes).

Para de novo *se revirar*, *desbarretar-se* e *curvar-se* (Herculano).

Para te pôr um pé sobre os peitos e *calcar-te* e *cuspir-te* nas faces (Herculano).

Seria a transição para *vel-a* e *amal-a* (Camillo).

Para as accenderem de novo e *precederem-no* (Herculano).

Quando um infinitivo impessoal regido de preposição tem, alem de um pronome atono, outro complemento em relação copulativa ou disjuntiva, usa-se o pronome posposto ao verbo. Costuma-se então ou repetir pleonasticamente o primeiro pronome atono sob a forma tónica precedido de *a*, ou repetir o verbo infinitivo:

Para livral-o a elle e a terra da patria (Herculano).

Expediente unico *de salvar-me* e *salval-a* de maiores dores (Camillo).

Para censurar-te a ti ou aos outros.

Se dous infinitivos, cada qual com sua preposição clara, se usam em frases differentes denotando contraposição de idéas, contraste de pensamentos, os pronomes regimens vêm apoz os verbos:

Para servir-vos, braço ás armas feito; *para cantar-vos*, mente ás musas dada (Camões).

Não tinha o desejo *de contentar-te*, mas *de servir-te* quando fosse preciso.

Não tanto *para prendel-a* como *para subtrahil-a* á mãe (Camillo).

Não se tratando de contraste, nem de complemento multiplo, podem as preposições (excepto *a* e *por*) ex-

pressas antes de infinitivo impessoal, segundo acima vimos, deslocar ou deixar de deslocar o pronome regimen. Os bons escriptores costumam antepol-o quando, pela intonação crescente, querem dar mais realce ao verbo ou a outro termo final da oração:

Tendes razão *de me odiar mortalmente* (Herculano).

Para os guiar á morte (Camões).

Esquecendo *de vos restituir a chave* (Herculano).

Outras vezes, o lugar do pronome atono pode ser determinado pelo intuito de dar á oração estructura mais agradável ao ouvido:

Não tardou *em espalhar-se* na povoação e nos lugares circunvizinhos que Eurico era o autor (Herculano).

OBSERVAÇÃO. — Sendo facultativa, em certos casos, a anteposição do pronome ao infinitivo impessoal, torna-se naturalmente systematica esta collocação desde que, nos mesmos casos, se tenha de empregar o infinitivo flexionado. Evita-se, assim, a formação de grupos phoneticos exdruxulos. Podendo escolher entre *de nos falarem* e *de falarem-nos*, *para nos recommendarem* e *para recommendarem-nos*, nenhum escriptor classico hesita em decidir-se pela primeira forma.

O adverbio de negação, modificando directamente o infinitivo, desloca o pronome atono sempre que o infinitivo é flexionado, mas pode deixar de o deslocar quando o infinitivo não tem flexão:

O melhor será *não nos aproximarmos* do perigo.

Bem é *não te habituares*.

Então sentirás *não te despedires* de mim (Bernardes).

Amar o amor é a maior de todas as ditas, como *não amal-o* a maior de todas as miserias (Bernardes).

O merecel-as é a principal parte para *não alcançal-as* (H. Pinto).

A noção que a natureza humana tem para desapertar-se de preceitos e *não submetter-se* a obrigações, é a mesma que tem um novillo para não entrar no arado (Bernardes).

O outro e maior [modo] é *não atravessal-o* pelo diametro (Vieira).

Mil vezes quiz morrer só por *não vel-a* (Castilho).

OBSERVAÇÃO. — A precedente regra é applicavel ao infinitivo precedido de *nem*, equivalente de *não*: *bom será não se queixarem nem se affligirem*.

Preposição e adverbio de negação, ainda que venham juntos referindo-se ao mesmo infinitivo impessoal, *nem* por isso forçam o pronome a vir antes do verbo:

Dizei-me quanto perderemos *em não amar-vos* (Bernardes).

Por não deixal-o ao mundo, da janella o atira (Castilho).

Navegaram [o mar] *sem nunca achar-lhe* termo (Bernardes).

Para perdoar-me estais despertos e, *por não devassar-me*, estais fechados (Bernardes).

Suppunha estranhez da desatenção do magistrado *em não premial-os* (Bernardes).

Por não arrojar-nos a discorrer em cousas mais odiosas (Bernardes).

Quando o infinitivo vem precedido de *querer*, *dever*, *poder*, *mandar*, *ir* e outros verbos, o pronome atono complemento do infinitivo deixa muitas vezes seu lugar proprio para ligar-se ao verbo auxiliar:

• *Podem dizer-me* ou *podem-me dizer*.

Quizeram perdoar-te ou *quizeram-te perdoar*.

Devia mostrar-me ou *devia-me mostrar*.

Nenhuma outra palavra, alem das preposições, adverbio de negação, a palavra *nem* e os verbos auxiliares, tira de seu lugar apoz o infinitivo o complemento expresso por pronome pessoal atono.

Em certas orações adjectivas, em que se omitta o auxiliar, é responsavel pela anteposição do pronome, *não* o infinitivo, mas o auxiliar subentendido:

Tenho muito *que te contar* [isto é: *que te devo contar*].

Não sei com *que o tranquillisar* [isto é: *com que o possa tranquillisar*].

Não tens de *que te queixar* [isto é: *de que te devas ou possas queixar*].

Teremos com *que os contentar* [isto é: *com que os poderemos contentar*].

Collocação do pronome complemento de gerundio

Colloca-se o pronome atono sempre apoz o gerundio, excepto se este vem regido de *em* ou se acha precedido de adverbio negativo ou modal que o modifique directamente:

Em o vendo logo foge.

Não se sabendo de que terra vinha.

Assim o querendo o céu.

Nenhuma influencia têm sobre o pronome atono as negativas e adverbios que precedem o gerundio, mas se referem a outros verbos:

Não se conquista a amizade do inimigo *senão* [isto é, *se não* se conquista] *tratando-o* como amigo.

Ser-lhe-ás util amparando-o e *não* [lhe serás util] *perseguinto-o*.

OBSERVAÇÃO. — Contrariamente ao que alguns supõem, é nulla a força «attractiva» da conjunção *ou* sobre o pronome atono empregado como complemento quer do gerundio, quer do infinitivo: *ou privando-os delle* (Vieira); *condemnal-o ou absolvel-o*.

Collocação do pronome complemento de verbo finito

As conjunções coordenativas em geral não influem na collocação do pronome. Ha comtudo algumas restricções.

As particulas *e* e *mas*, embora atonas, não requerem pronuncia reforçada:

Chegou e *disse-me*.

Tomou a faca, *mas feriu-se*.

Entrei e *sentei-me*.

Dei-lhe a ordem, *mas desobedeceu-me*.

A conjunção *ou*, servindo para denotar equivalencia ou para rectificar um conceito, deixa o pronome atono em seu lugar proprio apoz o verbo:

Pedro era sabedor *ou mostrava-se*, pelo menos, sabedor do caso.
Não fazia caso delle *ou odiava-o* talvez.

Aqui criaram-se, *ou fizeram-se* as moedas de nada (Vieira).

Ouvi eu, *ou enganei-me*, que a história dos varões illustres era também vossa (F. M. Mello).

Guarda-se para os enfermos, *ou manda-se* de mimo aos vizinhos (Bernardes).

Leu-o algures, *ou ouviu-o* contar, que é o mesmo (Herculano).

Empregando-se a conjunção disjuntiva para significar claramente que os factos são oppostos e que a realisação de um exclue a realisação de outro, pode-se, em asserções expositivas, reforçar a pronuncia de *ou* deslocando o pronome atono. O deslocamento porém não é obrigatorio:

O povo *ou se rege* com a espada do cavalleiro, *ou* elle vem collocar a azeuma do peão sobre o throno real (Herculano).

Estas *ou* morriam com os maridos amados, *ou vingavam-os* (Camillo).

Morde-nos surgindo debaixo dos pés como a vibora, *ou despedaça-nos* como o leão pulando d'entre os juncaes (Herculano).

Se Rossini ali chegasse, *ou* não a conhecia, *ou enganava-se* (Herculano).

Se a arvore se vê separada, *ou se levanta, ou se secca* (F. M. Mello).

Ou volta-se de lá victorioso, *ou morre-se* combatendo (J. Diniz).

A acção da conjunção *ou* sobre o pronome atono não se estende, em linguagem moderna, nem ás frases interrogativas nem ás imperativas:

Trabalham *ou divertem-se?*

Veis de boa mente, *ou torna-se* necessario empregarmos força? Amais-nos, *ou desconheceis-vos?* (Vieira).

Parte immediatamente, *ou sujeita-te* ás consequencias.

Escuta-me calado, *ou retira-te.*

OBSERVAÇÃO. — A collocação dos pronomes atonos em orações começadas por *e*, *mas*, *ou* é hoje um tanto differente da linguagem antiga. Com *e* e *mas* usava-se outrora o pronome ora post-verbal, ora pre-verbal. Com *ou* podia vir o pronome deslocado, quando a oração era imperativa. Exemplos do falar antigo encontram-se ainda em escriptores quincentistas e seiscentistas:

Ou livrai a este homem ou me separai de vós (Bernardes).

Com a conjunção causal *porque* usam os escriptores portuguezes o pronome atono ora posposto, ora anteposto ao verbo. Se a sentença causal tem character de coordenativa, persiste de ordinario o pronome na sua posição normal apoz o verbo; se equivale a uma subordinativa, pode a particula deslocar o pronome. A distincção entre as duas especies, causal coordenativa e causal subordinativa, evidentemente nem sempre é nitida.

a) Exemplos de *porque* sem deslocamento:

Recommendou-me, porém, segredo; *porque* as almas *assanham-se* (Herculano).

Errou no movimento; *porque* os homens *movem-se* progressivamente (Vieira).

Toda a consequencia das tres proposições do Apostolo corre formalmente; *porque* a terceira *segue-se* com certeza da segunda (Vieira).

E' cousa bem clara; *porque* Deus *satisfaz-se* muito dos nossos cuidados (Vieira).

A luz brilhante devia apagar-se então, como a lampada do templo ao amanhecer; *porque* eu *voltava-me* para o céu (Herculano).

b) Exemplos de *porque* com pronome anteposto ao verbo:

Cá não se espera por frutos maduros, nem ainda verdes, *porque se cortam* as flores ainda antes de estarem abertas (Vieira).

Se te affligi foi *porque te amava* muito (Herculano).

Deus amaldiçoou-me, *porque lhe voltei* as costas, correndo atraz da vingança (Herculano).

Foi *porque elle te entregou* a ti só as riquezas (Herculano).

A conjunção *que* em oração causal, assim como em oração integrante e consecutiva *que* tenham o verbo no modo indicativo, pode deslocar ou deixar de deslocar o pronome atono.

a) Exemplos de pronome anteposto:

Se assi procedo é *que te julgo* meu amigo.

Creio *que me disse*.

Trabalhou tanto *que se cançou*.

Correu com velocidade tal *que se esbarrou* contra uma arvore.

b) Exemplos de pronome posposto :

O certo é *que* em Lisboa *ouvem-se* os repiques (Vieira).

De maneira que os dous primeiros *escusaram-se* com a fazenda (Vieira).

Accrescento *que mandou-me* S. A. falar com o mesmo D. Francisco (Vieira).

Em terra tambem ha naufragios e piratas, e estes tanto peores, *que* no mar *pode-se* fugir delles, e na terra não (Vieira).

Só com esta differença *que* aqui *mandam-se-lhe* crer por junto os milagres (Vieira).

O cavalleiro sabia *que* taes affrontas *escrevem-se* para sempre na frente de quem as recebe (Herculano).

Olhe *que* elle *soube-me* muito bem dizer (J. Diniz).

Fiquem-se com o Senhor, *que* eu *vou-me* (Castilho).

Era *que* o ceu *ia-se* afogando já com os primeiros fulgores de uma bella madrugada (Herculano).

Só para guardar estas camisas (*que* o preço dellas *guarda-se* em Flandres e Inglaterra) se fazem cofres (Bernardes).

Haveis de assentar *que* a nossa vontade *dirige-se* pelo nosso sentimento (Bernardes).

Achando-se porém o verbo no conjuntivo, usa-se, quer na oração consecutiva quer na integrante, o pronome anteposto :

De maneira que as duvidas *se dissipassem*.

Não é provavel *que se tanjam* os sinos.

Espero *que elles nos acompanhem*.

De sorte que tal cousa *se diga*.

Quando a particula *que* constitue com um vocabulo anterior uma locução conjuncional subordinativa que não seja consecutiva, dá-se usualmente o deslocamento do pronome atono:

Visto que o queres.

Ainda que elles o neguem.

Logo que o amigo *lhe* escrever.

Comtante que não *se atrevessem*.

Para que tu *me digas*.

Afim de que o criado *lhe obedeça*.

Uma vez que isto *se exige*.

Já que elles me affligem.
Depois que o inimigo se rendeu.
Até que o galho se desprendeu.
Por mais que tu te esforces.
Sem que elle se opponha.

Quaesquer outras conjunções subordinativas (feitas as restricções acima expostas quanto a *que* causal, integrante e consecutiva), determinam igualmente a anteposição do pronome atono :

Se o discipulo se esquecer.
Quando o mestre lhe disse.
Embora elle me affirme.
Como elle te mostrou.
Apenas a casa se desoccupou.
Emquanto eu me vestia.

OBSERVAÇÃO. — Encontram-se em escriptores portuguezes alguns exemplos que contradizem a regra. Exemplo: *Emquanto os seculos de Hespanha revelam-nos a segunda com mais individuação e verdade* (Herculano).

A palavra *não* servindo de adverbio a um verbo finito, e pronunciada portanto juntamente com este verbo sem pausa intermediaria, desloca o pronome atono :

Pedro não me escreve.
Não o vejo ha oito dias.
Executarei teu pedido, se não me esquecer.

Esta pratica torna-se extensiva a outros vocabulos que contenham negação, taes como *nem*, *nunca*, *ninguem*, *nenhum*, *nada*:

Não responde *nem se mostra* satisfeito [= e não se mostra satisfeito].

Ninguém me disse para onde elle foi.

Nada se sabe da sua vida.

Nunca me pareceu que tal succederia.

Nenhum se salvou do naufragio.

Se a palavra *não* (quer venha só, quer se ache juxtaposta em *senão*), ou outra palavra negativa (*ninguem*,

nada, etc.), se referirem a verbo anterior, requerendo portanto pausa, nenhuma influencia podem exercer sobre a collocação do pronome complemento de outro verbo que se enunciar em seguida:

Viste-o hontem? *Não*; *vi-o* hoje.

Tomo nota do pedido; *senão*, *esqueço-me*.

Sujeitar-me? *Nunca*; *despeço-me*.

Ficou alguma cousa? *Nada*; perdeu-se tudo.

Com os demais adverbios, além do de negação, também se emprega o pronome anteposto ao verbo finito quando a pronuncia é ligada, e posposto quando ha pausa, como se vê por estes exemplos:

Bem me dizias que lá não fosse.

Bem; *pedes-me* que não vá, não irei.

Hoje contam-se noventa e cinco annos que recebi o baptismo (Herculano).

Então Theodomiro *voltou-se* contra o renegado (Herculano).

Ora metta-se com a sua vida (J. Diniz).

Agora resta-me unicamente morrer como godo (Herculano).

Agora me lembro daquella historia.

Cá diz-se que é melhor sermos nós vassallos da coroa...; *lá faz-se* valer o perigo, o sacrificio a que nos expomos (R. da Silva).

Cá me tens de novo.

Já se diz que não haverá eleição.

Entre o substantivo, sujeito da oração, e o verbo, que se enuncia como facto novo para o ouvinte, faz-se de ordinario ligeira pausa. Conserva-se, pois, o pronome atono apoz o verbo.

Nestas condições, é indifferente ser a oração affirmativa ou interrogativa:

As lagrimas correram-lhe então mais abundantes (Herculano).

A ventura embargava-lhe a voz (Herculano).

Sancion encaminhou-se para a escadaria subterranea.

Esta palavra encontra-se nos escriptores do VI seculo (Herculano).

Esta cidade chamava-se Yatrib (Herculano).

Deus chamou-o para si.

Mas reis que edificam desertos! *Os desertos edificam-se?* (Vieira).
O mundo diminue-se? (Vieira).
A menina ri-se? (J. Diniz).

Prevalece a regra precedente ainda quando se substitue o nome sujeito por um pronome pessoal ou demonstrativo:

E elle passou-se á ilha da Madeira (Barros)
Elles fazem-se reis (Vieira).
Elle chamou-se pão de cada dia (Vieira).
Elles conheciam-se como homens (Vieira).
Eu encostei-me ao pé do lar (Herculano).
Tu chamaste-te o homem mais feliz da terra (Garrett).
E elle assentava-se outra vez a olhar para o poente (Herculano).
Elle sorria-se e meneava a cabeça (Herculano).
Eu encaminhei-me sósinho para o Calpe (Herculano).
Isso pergunta-se? (Herculano).
Então isto faz-se? (J. Diniz).
Estes aproximaram-se, emfim (Herculano).
Isso tudo sumiu-se (Herculano).
Isto obrigou-o a apressar o passo (J. Diniz).
Isto escrevia-se em 1843 (Herculano).

Quando porém o substantivo, pronome pessoal ou pronome demonstrativo representam um sujeito emphatico, deixa de subsistir a pausa, e a pronuncia de taes vocabulos é valorizada passando o pronome atono a preverbal:

Uma scena horrenda se passava entretanto, além das atalaias,
 no extenso sarçal (Herculano).
Sorriso doloroso lhe pousava nos labios (Herculano).
 Ha entre nós um abysmo: *tu o abriste*, e eu precipitei-me
 nelle (Herculano).
Uma faisca de lume me centelhou diante dos olhos (Herculano).

OBSERVAÇÃO. — Não ha linha de demarcação rigorosa entre o termo commum e termo emphatico. A noção dominante pode attribuir-se ás vezes tanto ao sujeito como ao predicado ou algum complemento verbal. A collocação do pronome atono depende, em taes casos, tão sómente da intenção e maneira de sentir da pessoa que fala. A mesma frase pode, conforme a intenção, ser enunciada já com o pronome posposto, já com elle anteposto, como o fez Vieira: *Tu, Demonio, offerces-me de um lanço todo o mundo... Tu, Demonio, me offerces todos os reinos do mundo...*

Nas orações imperativas em que para maior clareza se enuncia o sujeito *tu* ou *vós*, usa-se o pronome atono geralmente apoz o verbo. Em linguagem portugueza de outr'ora podia-se tambem usar o pronome atono anteposto :

Agora *tu*, Calliope, *me ensina* (Camões).

Vós gloriai-vos de ser companheiro de jejum (Vieira).

Vós offerecei-lhe o não chegar (Vieira).

Vós o encaminhai, *vós o disponde* (Vieira).

Assim *tu mede-te* por ti mesmo (Bernardes).

E *tu lembra-te* dos perigos publicos e manifestos (Bernardes).

E *tu vai-te* com Allah (Herculano).

Os numeræes e os indefinidos *um*, *algum*, *outro*, requerem o pronome pre-verbal quando são expressões emphaticas. Seguidos de pausa, isto é, recahindo a emphase no verbo ou num complemento verbal, não podem deslocar o pronome :

Outros faziam-se mui de casa (Fr. I. de Sousa).

Outros lhe dão vários sentidos (Vieira).

Os outros elementos servem-nos de graça (Vieira).

Um descreveu-se pelo passado; *o outro definiu-se* pelo presente (Vieira).

Uns despedem-nos em doses moderadas; *outros expluem-nos* d'um jacto até dous (Camillo).

Duas frechas lhes sibillaram então por cima das cabeças.

Os outros oito imitaram-no (Herculano).

Os outros dous escutaram-no.

Uma fritada de tres ovos: *um botou-se* fora (Herculano).

Os dous amavam-se como loucos (Herculano).

Pronomes e quantitativos indefinidos usualmente enunciados sem pausa, como *alguem*, *outrem*, *qualquer*, *muito*, *pouco*, *tanto*, *quanto*, etc., deslocam naturalmente o pronome atono :

Ninguém te viu sahir.

Qualquer o podia avaliar.

Muitos lhe aconselhavam outra cousa.

Tanto se consumiu nessa obra.

Poucos se resolveram a acompanhá-lo.

O pronome relativo, o pronome interrogativo e o adverbio interrogativo, por isso que se pronunciam ligadamente ao verbo, requerem a posição pre-verbal para os atonos *me, te, se, lhe, o, etc.* :

O documento *que nos mostraram.*

A gaveta *cuja chave te entreguei.*

Quem te disse tal cousa ?

O alumno *a quem se conferiu* o premio de viagem.

Que se faz nesta casa ?

Que projecto te mostraram?

Como se chama teu filho ?

Quando se decide elle a mudar de vida ? :

Porque te mostras offendido ?

Onde te demoraste tanto ?

OBSERVAÇÃO. — Contrariamente á precedente regra, lê-se em Herculano: *as gerações nascidas durante a reacção contra o islamismo, que surgem e agitam-se e vivem.*

Nas orações exclamativas e optativas é emphatico o sujeito, objecto ou adverbio posto no começo :

Deus lhe pague a esmola que me fez !

Bom proveito lhe faça o almoço !

Bons olhos o vejam.

Deus lhe dê muita saude !

A outros o mostre !

Na linguagem meramente expositiva pode enunciar-se em primeiro lugar o complemento, passando o sujeito para depois do verbo. Esta transposição pode tornar o pronome atono pre-verbal; porém desejando-se pôr em destaque os dizeres finaes, far-se-á pausa e o regimen atono conservar-se-á apoz o verbo, como se vê nestes exemplos :

Muitas vezes *a bons principios seguem-se* bons fins (Vieira).
Contenta-te com o que é teu, *e do meu deixa-me* fazer o que quero (Vieira).

Dos godos restam-nos codigos (Herculano).

Dessas rosnaduras e pragas ria-se elle (Herculano).

Quando o pronome atono representa pleonasticamente um objecto mencionado no começo, e este objecto não é

pronome pessoal, usa-se o regimen atono como post-verbal:

O milagre viam-no nos olhos do cego (Vieira).

Aos outros poz-lhes estatua o senado (Vieira).

Sendo porém expresso por um pronome pessoal tonico o complemento com que se inicia a frase, pode-se-lhe appor o enclitico ou deixal-o para depois do verbo:

A mim me desconsola infinito (Vieira).

A mim parece-me demasiado dizer (Vieira).

A mim criou-me para o servir (Vieira).

Concorrendo a negativa *não* com outro vocabulo deslocante, usa-se, no falar de Portugal, o pronome atono ou immediatamente antes do verbo, ou tambem antes da negativa:

Que o não recebessem com festa... e tambem *que não lhe* falassem por senhoria (Barros).

Que não no empregue em *quem o não* mereça (Camões).

Já *que não me* é dado buscar-te (Herculano).

Não passara um dia em *que não se* fortalecesse (Herculano).

Ha dez annos *que não me* alumia (Herculano).

E' cousa *que me não* entra cá (Herculano).

Regra de *que se não* afastava (Herculano).

Se não o suspeita, em breve discurso lh'o exporemos aqui (Herculano).

Como *se não o* visse nem sentisse (Herculano).

Daquelles *que se não* pagam (Herculano).

Collocação do pronome atono nas conjugações compostas e perifrasticas

Sendo o verbo principal um participio passado, o uso, embora lhe accrescente outros complementos, transfere entretanto o pronome atono ao verbo auxiliar:

Tinha-lhe mostrado as joias.

Foi-nos revelado o segredo pelo inimigo.

Eu *não o tenho* visto.

Quando o verbo principal é um gerundio, costuma-se transferir o pronome atono ao verbo subsidiario se este vier antes; conserva-se entretanto o pronome ligado ao gerundio se o verbo subsidiario vier depois:

Estava-se com as ondas *ondeando* (Camões).

Outros em derredor *levando-a* estavam (Camões).

Bradando-vos estão (Camões).

Estamos-nos indo ao inferno (Vieira).

Andais-vos matando por achar a boa vida (Vieira).

Nas combinações em que o verbo principal é um infinitivo, o pronome atono que não sirva de regimen a este infinitivo, só pode juntar-se ao verbo subsidiario:

Fez-nos mudar de opinião.

Mandou-me copiar a carta.

Deixou-o correr até cançar-se.

Infinitivos com regimen atono, dependentes de algum dos verbos *poder, querer, dever, ir, vir, mandar, tornar a, começar a, saber* e outros, usam-se ora com o pronome posposto, ora com o pronome transferido ao verbo subsidiario.

Para que a transferencia se possa effectuar, é necessario estarem os verbos enunciados na ordem directa, quer dizer, o infinitivo ha de vir por ultimo:

Devia *sentir-se* perplexo (Camillo).

Veio *receber-me*.

Queriam-me enganar (R. da Silva).

Sabia-o fazer com tal modestia (Herculano).

Eu quiz *experimentar-te* (Herculano).

Para ir *reunir-se*.

Posso *dizer-vos*.

Não buscasse *tornal-o* a ver (Herculano).

Mandei-vos chamar (Herculano).

Ella devia *dar-se* por completamente feliz.

Na conjugação composta de *haver de* com infinitivo, os pronomes *me, te, se, lhe, etc.*, usam-se, quer na sua posição normal depois do infinitivo, quer antes d'elle deslocado pela preposição *de*. A linguagem antiga, quando

deslocava o pronome, costumava unil-o directamente a *haver*:

Has de mandar-me o teu retrato.

Has de me dizer o que houve.

Lá *ha-se* de esperar o tempo (Vieira).

Então *hão-se* de examinar as obras (Vieira).

O recuo do pronome atono para antes de *haver de*, em virtude de outro termo ou expressão deslocante, ainda é usado na linguagem moderna:

D'aquí a poucas horas *me has de* conhecer (Herculano).

FIGURAS DE SYNTAXE

a) Ellipse

Ellipse é a omissão de um vocabulo ou termo da oração, estando o mesmo presente ao espirito da pessoa que fala e podendo ser supprido sem esforço pela intelligencia do ouvinte.

A ellipse tem por fim simplificar a frase, libertando-a de dizeres desnecessarios á comprehensão. Faz parte da linguagem quotidiana, sendo o caso mais commum aquelle em que se evita a repetição de termos mencionados pouco antes.

ELLIPSE DO SUJEITO :

Os seres vivos *nascem, crescem, reproduzem-se* e *morrem*.
 Os corpos *contraem-se* com o frio e *dilatam-se* com o calor.
 Fomos á casa do amigo porque nos *tinha* convidado.
 O criado sahio e *cumpriu* as ordens.

ELLIPSE DO VERBO :

A fortuna *dá* a uns a riqueza, [*dá*] a outros a pobreza.
 O ladrão *feriu* primeiro o dono da casa, depois [*feriu*] o criado.
 Não só *escrevi* sonetos, mas tambem [*escrevi*] comedias.
 São estas as tradições das nossas linhagens; [*são*] estes os exemplos de nossos avós (Herculano).

ELLIPSE DE OUTROS TERMOS :

O mesmo lustre dos illustres lhes tira o temor, e os enche ou [*os*] incha de immundade (Vieira).
 Estrangeiros *na* terra, [*na*] lei e [*na*] nação (Camões).
 Será a mais cruel e a mais terrivel perseguição que nunca *se* viu nem [*se*] ouviu (Vieira).

O termo subentendido pode ter forma flexional diferente da do termo mencionado pouco antes.

A este caso de ellipse damos o nome de **zeugma** *).

Diversos ceus e [*diversas*] terras temos visto (Camões).

Doudos *eramos* nós, e elles [*eram*] os sisudos (Vieira).

Nem elle nos *entende*, nem nós [*entendemos*] a elle.

Nem nós o *conheceríamos*, nem elle [*conheceria*] a nós (H. Pinto).

Tanto *recebe* esse só, como [*recebem*] todos aquelles mil (Vieira).

Agora *acaba* o mundo para nós ou nós [*acabamos*] para elle (Vieira).

Fez em meio dia pelo ar o que um diligente caminheiro não pudera [*fazer*] em meio anno (Vieira).

Considera-se geralmente como elliptico o pronome pessoal que se deixa de enunciar juntamente com o verbo; mas é de notar que a noção de sujeito de 1.^a, 2.^a ou 3.^a pessoa já vem indicada na propria desinencia verbal. A presença do pronome só é necessaria quando o exige a clareza ou quando queremos chamar a attenção para o sujeito. Fora disso, é vocabulo dispensavel:

Assistiremos hoje ao espectaculo.

Escreveste-me que não chegarias este mez.

Fui ás corridas e *notei* a tua falta.

A ellipse pode abranger um conjunto de palavras ou dous ou mais termos da oração:

Nem as lagrimas me são estranhas, nem [*me é estranho*] o longo e afflicto orar (Herculano).

E' preciso que te alevantes d'ahi; [*é preciso que*] que me adornes esses cabellos (Herculano).

Omittem-se ás vezes as palavras por antecipação, sendo ellas expressas em frase que se vai proferir logo em seguida:

Não queria [*escutal-as*], não podia escutal-as (Herculano).

Não quero, não posso, não devo contar.

Outro typo de ellipse é a suppressão de palavras que a intelligencia do leitor ou ouvinte facilmente restabelece

(*) Outros grammaticos estendem o nome de zeugma a qualquer ellipse de termo mencionado em frase precedente, ainda que tenha a mesma flexão.

por virem habitualmente expressas em frases congeneres. Dá-se esta ellipse em certos casos com a conjunção *que*, com *ser*, *poder*, *dever*, etc.

Ordenara aos homens livres [*que*] lhe carreassem as madeiras cortadas (Herculano).

Pedia [*que*] fosse ouvir de confissão uma pobre mulher (Herculano).

Para terem sempre vivos que [*possam*] sepultar e mortos que [*possam*] desenterrar (Arraes).

Eu por mim não tenho nada que [*deva*] dizer.

Teremos com que os [*possamos*] contentar.

Vingar-te de teu proprio sangue, de tua irman, porque, [*sendo*] innocente, foi enganada, porque, [*sendo*] fraca, foi vencida (Herculano).

No mesmo dia chegou nova [*de*] que a fortaleza pacificamente se tinha rendido (Vieira).

Terceiro typo de ellipse é aquelle em que as palavras a completar o sentido se adivinham sem custo pela situação. É mais frequente nas frases imperativas e exclamativas do que nas expositivas:

Marechal, [*sentai-vos*] á cabeceira (Herculano).

Repetia as palavras fataes: Ao mar, ao mar.

Ha finalmente a assignalar as ellipses usadas em muitos proverbios e rifões, em que se enunciam sómente as idéas principaes:

Casa de ferreiro, espeto de pau.

Tal amo, tal criado.

Olho por olho, dente por dente.

De tal arvore tal fruto.

Cada terra com seu uso.

b) Pleonasmos

Pleonasmos consiste em repetir um termo de uma frase empregando outra expressão de sentido equivalente, como *homem cego e sem vista*, em ajuntar ou empregar superfluamente um termo determinante cuja idéa está com-

prehendida na definição do termo determinado, como: *circulo redondo, agua molhada, ver com os olhos.*

Empregado por descuido e sem necessidade alguma, o pleonasmo é um vicio de linguagem, conhecido mais particularmente pelos nomes de *tautologia* e *redundancia*.

Mas o pleonasmo tambem se usa como figura de syntaxe, servindo para reforçar a idéa e expressal-a com mais clareza. Assim, posto que *vi com os olhos* seja censuravel como linguagem habitual, ha entretanto occasiões em que tem todo cabimento *vi com meus proprios olhos.*

Um novo termo explicativo ou delimitativo do termo pleonastico torna perfeitamente admissiveis dizeres como os seguintes:

Dormir o somno da innocencia.

Viver uma vida feliz.

Morrerás morte vil da mão de um forte (G. Dias).

Quando se quer exprimir de modo emphatico o complemento de um verbo, e este complemento é um dos pronomes *me, te, se, lhe, o, a, os, as, nos, vos, lhes,* torna-se necessario recorrer aos pleonasmos *a mim, a ti, a si, a elle, a nós,* etc., que ainda podem vir acompanhados da palavra *mesmo* ou *proprio*, tratando-se de acção reflexiva:

Defendeu o amigo e defendeu-se *a si mesmo.*

Vi os teus companheiros, mas não *te vi a ti.*

Hei de servir-o *a elle* de preferencia a outrem.

Elle perseguia as aves e alimarias innocentes: eu perseguia-o *a elle* (Herculano).

Um homem que *se mata a si proprio* ou é um louco ou tem coração tão damnado que desconhece os remorsos (Herculano).

Collocando-se no principio da oração um complemento expresso por substantivo ou palavra substantivada, e pronunciando-se este complemento com emphase seguida de pequena pausa, é costume repetil-o sob a forma de pronome junto ao verbo da oração:

O sangue levava-o derramado pelo vestido (Vieira).

As feridas levava-as abertas nas mesmas mãos (Vieira).

Estas celestiaes delicias elle mereceu gozal-*as*, nós apenas consideral-*as* (Lucena).

Um cavalleiro d'extranho aspecto era o que assim corria... Lança não *a* trazia (Herculano).

Tambem o sujeito posto no começo da oração, depois do qual se faça pausa, pode vir repetido sob a forma do pronome *esse*:

Comer a baleia a Jonas, *essa* é a sepultura que o mar costuma dar aos homens (Vieira).

A podenga negra, *essa* corria pelo aposento (Herculano).

Proprio da lingua portugueza é repetir a negação. No falar hodierno emprega-se esta linguagem pleonastica quando a palavra *não* vem mencionada antes das outras negativas:

Não digas *nada* a *ninguém*.

Não tinham cousa *nenhuma* para comerem (F. M. Pinto).

Não appareceu *ninguem*.

O vulto *não* respondeu *nada* e ergueu-se (Herculano).

Fechara as portas e *não* deixara entrar *ninguem* (Herculano).

Podem-se tambem empregar em lugar da segunda negação as expressões *cousa alguma*, *pessoa alguma*.

Ao pronome pessoal accrescenta-se ás vezes o mesmo substantivo a que elle se refere, sendo causa desta explicação pleonastica a necessidade de dissipar qualquer duvida da parte do ouvinte:

A substancia da qual carta era denunciar-lhe *elle almirante* como ficava naquelle porto (Barros).

Melhor era aceitar *elle capitão* mor vassallos leaes aos serviços delrei (Barros).

c) Anacolutho

Anacolutho é a maneira de exprimir pensamentos segundo a qual se interrompe uma parte da oração e, em lugar do seguimento pedido pela syntaxe, se passa a uma construcção nova: